

Artigos

Jurema Carpes do Valle

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 31/07/2005

Título : Edson Otto

Categoria: Artigos

Descrição: Muito já se falou e escreveu sobre Edson Otto.

Edson Otto

JUREMA CARPES DO VALLE

Muito já se falou e escreveu sobre Edson Otto. Alio-me aos que sobre ele escreveram, não apenas para reverenciar o advogado, o político, o poeta, o músico, o intérprete de voz belíssima, mas o colega e, sobretudo, o amigo.

Em 1964, concluímos o Curso de Direito em Passo Fundo. Durante esses cinco anos, pude conhecer e admirar o Edson, consolidando nossa amizade. Juntamente com sua querida prima Maria Anita Gobbi, nossa colega, nos encontrávamos freqüentemente, ora em Passo Fundo, ora em Carazinho, sua terra natal.

Terminado o curso, como sói acontecer, os colegas se separam. Edson advogou em Carazinho e, em seguida, foi para Porto Alegre onde, ao lado das lides

jurídicas, brilhava como tradicionalista. Eu acompanhava sua trajetória pela mídia.

Depois de nossa formatura, nos encontramos somente duas vezes: em 1983, em Porto Alegre, quando do lançamento de meu livro "Canção da Liberdade", na Feira, e em 1999, na solenidade de posse de novos acadêmicos na Academia Passo-Fundense de Letras, no salão de atos do Fórum local. Nessa ocasião, foi também lançado o livro do confrade Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, "Gaúcho quem é ...", cuja apresentação foi feita por Edson. Lembro que no intervalo da cerimônia, o tempo foi curto para celebrarmos a alegria do reencontro, sem sequer imaginarmos que seria o último ...

Querido Edson:

Não desapareceste,

Nem te perdemos.

Teu espírito alçou vôo aos páramos

Onde a Justiça, a Poesia,

A Música e a Harmonia

São perenes.

Em minha lembrança, continuas a ser meu colega e amigo para sempre.

(Jurema Carpes do Valle é professora e bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, membro atuante da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da revista

Água da Fonte nº 3

Data : 30/04/2004

Título : Júlia Lopes de Almeida

Categoria: Artigos

Descrição: E dizer que a menina começou escrevendo seus primeiros versos escondida, como se fosse pecado ter nascido com o espírito inclinado para o belo!

Júlia Lopes de Almeida

JUREMA CARPES DO VALLE

No século XIX, época em que a mulher brasileira pouco ou quase nada participava da literatura, projeta-se, com sua valiosa contribuição, a figura de uma grande romancista: Júlia Lopes de Almeida.

Nasceu no Rio de Janeiro, na primavera de 1862. Desde menina, demonstrou grande inclinação pelas letras, "embora no seu tempo não fosse de bom tom e do agrado dos pais, uma mulher dedicar-se à literatura". Em entrevista, concedida a João do Rio, anos mais tarde, revelou que desde criança adorava fazer versos, mas que os fazia às escondidas. Certo dia, conta a escritora, sua irmã a descobriu em seu esconderijo e arrebatou-lhe das mãos o papel em que escrevera seus versos. De nada adiantaram suas súplicas para que não os mostrasse ao pai. Seu genitor que, além de médico, era professor, leu e releu os versos, e nada disse. No dia seguinte toda a família foi a um espetáculo teatral. O Dr. Valentim José pediu à filha que lhe fizesse um artigo sobre a atriz da peça, pois o diretor da "Gazeta de Campinas" lhe encomendara, e ele estava impossibilitado de fazê-lo. Júlia ficou contente e maior foi a sua alegria quando descobriu que o diretor do jornal nada havia solicitado a seu pai. Tudo não passara de um simples artil dele. Assim, iniciou sua carreira literária, através da imprensa, tendo consagrado 40 anos de sua laboriosa vida, às letras. Depois disso, escreveu para a revista "A Semana", publicada no Rio de Janeiro e dirigida por Valentim Magalhães e Filinto de Almeida, jovem escritor português. Nessa época, iniciou com o poeta uma longa correspondência que culminou com o casamento. Realmente, pareciam ter nascido um para o outro, estavam unidos pelos mesmos ideais. Filinto de Almeida foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, tendo ocupado a cadeira nº 3. Em sua obra demonstra sua felicidade na vida do lar e a profunda adoração que devotava a Júlia, Em sua homenagem escreveu o soneto "Excelsa".

Júlia Lopes de Almeida abordou, em sua vasta obra, a evolução material, moral, intelectual e social do Rio de Janeiro de seu tempo. Em 40 anos de jornada literária, cultivou o romance, o conto, o teatro, a epistolografia e a crônica. Manteve colaboração assídua nos jornais do Rio e de São Paulo. Publicou seu primeiro livro em Lisboa, "Traços e Iluminuras" (1887). Eis algumas de suas obras: "A Falência", "Histórias de Nossa Terra", "A Herança", "Eles e Elas", "A Família Medeiros", "Correio da Roça" e "Quem não Perdoa". O Teatro Municipal foi inaugurado com a apresentação de um drama seu; "Quem não Perdoa". Publicou "A Casa Verde", em colaboração com seu marido. Mãe do poeta Afonso Lopes de Almeida e da declamadora Margarida Lopes de Almeida, viu em seus filhos a continuação de sua obra.

Apreciada pelo público e elogiada pela crítica, teve seus livros todos reeditados. José Veríssimo, crítico famoso, disse: "Depois da morte de Taunay, Machado de Assis e Aluísio de Azevedo, o romance no Brasil conta apenas com dois autores de obra considerável e de nomeada nacional: Dona Júlia Lopes de Almeida e Dr. Coelho Neto. Sem desconhecer o grande engenho literário do sr. Coelho Neto, eu, como romancista, lhe prefiro de muito, Dona Júlia Lopes". Seu estilo simples,

sem artifícios literários e o tom familiar de sua obra lhe trouxeram a merecida celebridade.

E dizer que a menina começou escrevendo seus primeiros versos escondida, como se fosse pecado ter nascido com o espírito inclinado para o belo!

(Jurema Carpes do Valle é professora e bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Membro atuante da Academia Passo-Fundense de Letras.)

da revista

Água da Fonte nº 1

Data : 30/11/2004

Título : Um tema antigo: a velhice

Categoria: Artigos

Descrição: "O amor é a única resposta sadia e satisfatória para o problema da existência humana."

Um tema antigo: a velhice

JUREMA CARPES DO VALLE

No mundo contemporâneo, a atitude geral da sociedade para com os indivíduos que envelhecem chega a ser com freqüência, de grande hostilidade. A palavra "velho" parece estar carregada de um sentido pejorativo e ela soa, muitas vezes, como um verdadeiro insulto. Assim, quando chamamos alguém de velho, não raro, essa pessoa reage de forma irritada.

Existem preconceitos em relação ao comportamento dos idosos, impedindo-os de manifestarem livremente sua personalidade, fazendo com que "o modelo ideal de velho" seja o do conformado, passivo e sobretudo distante da juventude.

Como escreve Simone de Beau voir, em sua obra A Velhice: "A tragédia da velhice representa a condenação radical de um sistema de vida mutilador: um sistema que não oferece à maioria de seus componentes o menor incentivo de viver, ao se tornar velho."

Faz-se necessário, portanto, uma retomada de nossos conceitos sobre a velhice, o abandono dos preconceitos que a envolvem e a descoberta dos valores que ela encerra.

Encontramos autores que defendem a velhice como um fenômeno cultural e tendem a indicar que de modo geral se pode dizer que os idosos são sadios, tanto física como mentalmente, mas vivem frequentemente entediados, devido a fatores sócio-econômicos.

Em *O Declínio da Vida*, Márcia Teresinha Dambroz argumenta que, até recentemente, havia confusão entre os processos de envelhecimento e os processos patológicos: a idade avançada não é causa direta da morte. A morte é, sempre, causada por uma entidade patológica. O declínio da capacidade intelectual tem relação mais com a doença do que com o envelhecimento.

As capacidades verbais continuam crescendo durante toda a vida e o aprendizado é um fenômeno constante.

Sendo a velhice uma etapa da vida, envelhecer não significa ruir; envelhecer é evoluir. O velho tem de sentir alegria em envelhecer e se recusar a tornar-se objeto de compaixão. Se o velho é de modo geral, capaz de trabalhar, de aprender e de se adaptar a mudanças, não pode ser considerado um estorvo, um inútil na sociedade.

Talvez, muita gente, nunca tenha parado para refletir sobre esta importante quadra da vida.

Qual é o espaço do velho em nossa sociedade? Ele ocupa um lugar condigno com o de pessoa? Qual é o seu papel?

Você, criança, que maltrata o velho; você, jovem, que não tem paciência; você, adulto, que se preocupa com enormes problemas econômicos... já pensou que a velhice é inevitável?

Ao olharmos para um velho, será que nos damos conta de quanta sabedoria está armazenada naquela cabeça encanecida?

Nas grandes civilizações do passado, os velhos sempre ocuparam um lugar de destaque. A história nos revela que, nos grandes feitos humanos, nas descobertas que mudaram os rumos da humanidade, estiveram sempre presentes pessoas idosas.

Hoje, podemos constatar que é grande o número de idosos que desempenham tarefas importantes, em várias áreas da atividade humana.

Diariamente, estamos recebendo lições de vida de pessoas idosas. Líderes estatais, filósofos, psicólogos, escritores, artistas, são presenças marcantes em todos os veículos de comunicação.

Então, como ignorar o valor do velho na sociedade?

A infância de uma criança será mais alegre, se ela tiver o carinho de um velho. Felizes aqueles que tiveram ou ainda têm uma pessoa idosa a quem pedir orientação, de quem ouvir histórias.

A velhice é uma etapa normal do desenvolvimento humano, porém, é, antes de tudo, um estado de espírito determinado por diversos fatores: o desenvolvimento da pessoa e o ambiente em que ela vive. Se o ambiente for de rejeição, o velho

será uma pessoa infeliz, amarga, de mal com o mundo. Se, por outro lado, o ambiente for de aceitação, de carinho, o velho será uma pessoa adaptada que receberá com segurança as transformações que a velhice traz.

De acordo com Leo Buscaglia, em seu livro *Assumindo a Sua Personalidade*, "Os tesouros mais valiosos dos idosos ainda são as surpresas constantes que a vida diária pode trazer. Eles podem escolher a vida. Não precisam optar pela confusão, medo, desespero, solidão e isolamento. Podem escolher a si mesmos como potencial ainda irrealizado e, ao fazê-lo, podem optar pela realização contínua."

Reflitamos sobre isso e ajudemos nossos velhos, envolvendo-os numa atmosfera de respeito, compreensão e amor, e permitindo-lhes, desta forma, viverem mais felizes a vida que lhes resta.

Lembremos, por fim, a afirmação de um grande humanista, Erich Fromm: "O amor é a única resposta sadia e satisfatória para o problema da existência humana."

Este artigo foi escrito há dezoito anos. Mas ainda é atual, pois, apesar do Estatuto do Idoso, Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, pouco mudou.

Cabe aos idosos e à sociedade conhecerem este Estatuto e fazer com que seja cumprido.

(Jurema Carpes do Valle ó professora e Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Membro atuante da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da Revista

Água da Fonte nº 2